

Questões de Gênero¹

Tamíz Freitas LOUREIRO²
Caroline Maria Barreto de MELO³
Daniel Magalhães de Andrade LIMA⁴
Kácia Guedes de OLIVEIRA⁵
Marcela de Aquino Bezerra SILVA⁶
Marina Moura MACIEL⁷
Mário Augusto Oliveira Monteiro ROLIM⁸
Moema Samara Gomes FRANÇA⁹
Paulo José Veras GONÇALVES¹⁰
Suzana Maria de Sousa MATEUS¹¹
Paula Reis MELO¹²

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

RESUMO

Historicamente, a sociedade aceita ou rejeita alguns assuntos nas pautas de discussões diárias e esse comportamento se reflete na maneira como os indivíduos se relacionam entre si. A aceitação ou rejeição do gênero de uma pessoa, por exemplo, evidencia o grau de maturidade sobre esse tema. **Questões de Gênero** aborda primeiramente o conceito de gênero e todos os seus desdobramentos, a partir de uma grande reportagem subdividida. As reportagens reunidas na série foram realizadas por alunos do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Pernambuco, no 7º período, na disciplina de Telecinejornalismo. Os entrevistados escolhidos possuem estreita ligação com o tema, afinal são cidadãos dotados de uma identidade de gênero, além daqueles que estudam a temática.

PALAVRAS-CHAVE: Feminino; grande reportagem; masculino; Questões de Gênero; transgênero.

1 INTRODUÇÃO

Motivados para a produção no campo audiovisual e com a liberdade de escolha para uma temática que pudesse se desdobrar numa grande reportagem, os alunos decidiram tratar dos “Gêneros” e suas especificidades, sob a visão da sociedade atual. Entretanto, mesmo

¹ Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria Jornalismo, modalidade Documentário Jornalístico e Grande Reportagem em vídeo e televisão.

² Aluna líder do grupo e recém-graduada do Curso de Jornalismo na UFPE, email: tamizloureiro@gmail.com.

³ Estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo na UFPE, email: carolinembmelo@hotmail.com.

⁴ Estudante do 8º. Semestre do Curso de Jornalismo na UFPE, email: danlima_hormail.com.

⁵ Recém-graduada do Curso de Jornalismo na UFPE, email: kaciaguedes1@gmail.com.

⁶ Recém-graduada do Curso de Jornalismo na UFPE, email: marcellaeu91@gmail.com.

⁷ Estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo na UFPE, email: marinamouramaciel@gmail.com.

⁸ Estudante do 8º. Semestre do Curso de Jornalismo na UFPE, email: marioaugusto1993@hotmail.com.

⁹ Estudante do 8º. Semestre do Curso de Jornalismo na UFPE, email: moemafranca@outlook.com.

¹⁰ Recém-graduado do Curso de Jornalismo na UFPE, email: pj.veras@gmail.com.

¹¹ Recém-graduada do Curso de Jornalismo na UFPE, email: suzanamateus09@gmail.com.

¹² Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo na UFPE, email: preismelo@hotmail.com.

com esse cuidado de tornar a discussão a mais atualizada possível, houve a necessidade de traçar paralelos com o passado para compreender melhor algumas situações, já que a aceitação do assunto é um processo que passa pelo social, pelo histórico e principalmente pelo cultural. Foi, portanto, na cultura e na vida em sociedade o foco do olhar para perceber como os gêneros se apresentam.

O tema é bastante atual, mas ainda tem nuances pouco discutidas e incompreendidas pelas pessoas. Dessa forma, tratá-lo de forma a preencher essas lacunas foi o grande estímulo para todos os autores. Especificamente sobre os gêneros, duas publicações guiaram as discussões e escolha dos subtemas: o livro *O Corpo Educado – Pedagogias da Sexualidade*, organizado por Guacira Lopes Louro e o texto *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*, de autoria de Joan Wallach Scott.

De início, foi fundamental a conceituação de gênero, a qual deve ser utilizada para observar atitudes e comportamentos humanos não ditados pelo determinismo biológico dos sexos dos indivíduos. Segundo Joan Scott (1995, p. 75), o termo vem sinalizar “construções culturais”, perpassadas por relações de poder, que indicam os papéis sociais visto como adequados aos homens e mulheres. Entretanto, embora esteja ligado à sexualidade, sua definição “ênfatiza todo um sistema de relações que pode incluir o sexo, mas não é diretamente determinado pelo sexo, nem determina diretamente a sexualidade” (SCOTT, 1995, p. 76). Muito mais que o corpo e como ele se apresenta fisiologicamente, o gênero admite que não haja um alinhamento entre às preferências sexuais e comportamentais com a conduta esperada para um indivíduo de determinado sexo.

O foco adotado em **Questões de Gênero** é, portanto, tudo o que se segue ao conceito inicial de gênero, passando sobre o masculino, o feminino e o transgênero, resultando em questões mais complexas. Por isso mesmo que o fio condutor da série é o posicionamento da sociedade sobre o tema, pois tudo decorre desse ponto inicial. Por exemplo, se a população de um determinado país encara como normal a superioridade do homem diante da mulher em vários aspectos da vida cotidiana, não há, portanto, uma igualdade de gêneros para os indivíduos daquela nação.

2 OBJETIVO

O objetivo da grande reportagem **Questões de Gênero** foi estimular o debate sobre os gêneros na sociedade brasileira, desde as considerações mais iniciais até as mais complexas, através das reportagens que a integram e se organizam numa configuração

interdependente entre si. Dessa forma, outras intenções surgiram: entrevistar fontes com pontos de vista variados sobre o assunto e complementar os seus discursos com pesquisas para mostrar a realidade nacional.

3 JUSTIFICATIVA

No que se refere à discussão acerca dos gêneros no dia a dia das pessoas, percebe-se que já houve uma evolução significativa no pensamento e na aceitação sobre como as pessoas se comportam através das suas identidades de gênero. Entretanto, ainda há algumas situações que apontam para o lado oposto, pois mostram opressão aos que se enxergam diferentemente do que o seu sexo pressupõe ou ainda a superioridade de um gênero em relação a outro. Por isso, discutir essas questões é mais do que essencial para o desenvolvimento de uma sociedade cada vez mais justa e que respeita os direitos individuais de homens e mulheres, independentemente se eles têm uma postura masculina, feminina ou outras dentro das possibilidades existentes.

Como se sabe, as instâncias sociais (família, amigos, escola, igreja, entre outros) atuam no processo de socialização dos indivíduos indicando o que é “certo” ou “errado” para aquela sociedade. A mídia, por sua vez, funciona da mesma maneira, visto o seu alcance e o poder de persuasão que possui diante de seu público. Na TV, por exemplo, quando a problemática dos gêneros encontra espaço para a discussão é algo bastante positivo, desde que realizada sem estereótipos e discriminação.

No Brasil, a TV tem reconhecido papel propagador dos valores pertencentes à parcela dominante da sociedade, sejam eles éticos ou não. O televisor é um bem tão importante para as famílias brasileiras que podemos encontrá-lo em quase todos os lares do país. A estimativa concreta do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) é a de que existe pelo menos um aparelho em cerca de 95,1% dos domicílios brasileiros (Censo, 2010, p.114). A edição de junho/2014 da Revista *About*¹³ lista seis razões por que as pessoas assistem TV: conectar, saciar, descontraír, confortar, experimentar e escapar. O veículo, que por muitas vezes é a principal referência de informação e entretenimento do brasileiro, tende a continuar sendo tão popular, visto a variedade de sua programação.

Levando isso em consideração, além da certeza de que é possível utilizar-se do universo televisivo para propiciar um debate mais igualitário e coerente sobre a temática,

¹³ Revista About – Seis razões principais pelas quais as pessoas assistem à televisão. IN: **Super Guia de Mercado**. TV Rio Sul, 2014/2015, p. 16.

apresenta-se a grande reportagem **Questões de Gênero**. A partir do que Aronchi de Souza (2004) propõe no livro *Gêneros e Formatos na Televisão Brasileira*, o produto se encaixa na categoria informativa e faz o uso do gênero do telejornalismo. Vale ressaltar que está associado aos formatos: reportagem, depoimento, entrevista, narração em *off* e vinheta.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

As imagens que compõem a série **Questões de Gênero** foram gravadas por uma filmadora profissional Sony XDCAM PMW-EX3 Digital. O microfone escolhido para entrevistar as fontes e personagens foi o do tipo lapela, para facilitar a captação de maiores detalhes nos depoimentos cedidos. Sobre o método de filmagem, visto que o assunto é dotado de certa delicadeza, em alguns momentos, o plano mais aberto foi utilizado para não expor as pessoas retratadas em momentos de maior intimidade. Entretanto, no geral, o plano fechado foi recorrido para enquadrar os entrevistados.

Antes da apuração em campo com as fontes através das entrevistas, leituras sobre os gêneros e também sobre o universo televisivo foram realizadas de modo a tornar a produção do material mais fundamentada na qualidade e no compromisso ético. Na decupagem, desenhou-se um pré-roteiro, que depois de finalizado, orientou a edição realizada pelo programa *Final Cut Pro*, no sistema da *Mac Apple*.

Em alguns casos, foram utilizadas imagens e trilhas brancas, de domínio público, para complementar os VTs. O recurso da arte foi utilizado como técnica para evitar a repetição de imagens gerais, mas principalmente para tornar a reportagem mais ilustrativa e compreensível ao telespectador.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Apresentada a proposta da disciplina Telecinejornalismo, de desenvolver uma grande reportagem¹⁴ sobre um tema complexo e com capacidade de se subdividir em outras reportagens de veiculação interdependente, os graduandos escolheram abordar a temática dos gêneros. O período de realização do produto como um todo foi de abril de 2014 a

¹⁴ Para acessar o material com alta qualidade de imagem e som, acesse:

- 1) Identidade de Gêneros: <https://www.youtube.com/watch?v=I35A1oumqfo>
- 2) Violência Simbólica contra os Gêneros: <https://www.youtube.com/watch?v=eqAzpmNnuTY>
- 3) Problemática da Mulher: <https://www.youtube.com/watch?v=XS7qm3r4mWo>
- 4) Novos Arranjos Familiares: <https://www.youtube.com/watch?v=I7HJDUGaqK8>
- 5) Femicídio: <https://www.youtube.com/watch?v=ppkyg78SG-Y>
- 6) Reconhecimento de Gêneros: <https://www.youtube.com/watch?v=ASSi9cqL-QQ>

agosto de 2014, tempo que compreendeu desde as discussões iniciais sobre o assunto e idas a campo até a edição do material bruto.

Nos primeiros encontros com a Prof^a Paula Reis, houve a definição do tema e a discussão sobre até que ponto ele poderia se desdobrar. Paralelamente a isso, alguns conceitos da linguagem televisiva foram aperfeiçoados para que pudéssemos desenvolver um produto condizente com a proposta da disciplina. Exatamente por esse motivo que referências diversas do telejornalismo foram utilizadas, bem como aquelas que dizem a respeito da televisão em geral.

Desde a escolha do tema, os alunos iniciaram pesquisas dentro dos seus grupos de trabalho para perceberem a amplitude do assunto e decidirem os subtemas. O cronograma foi padrão para todas as equipes, com a diferença apenas de datas, mas todas realizaram: apuração, orientação para a gravação, gravação propriamente dita, orientação para o roteiro (que em alguns casos precisou ser feita mais de uma vez, visto a complexidade de fechar o percurso lógico de alguns VTs), finalização do roteiro, edição do material bruto, montagem (unindo as imagens à narração em *off* realizada por um aluno de cada equipe) e ajustes finais relacionados à correção dos créditos.

A orientadora do projeto também permitiu que as fontes fossem escolhidas pelas equipes a fim de se encaixarem melhor na intenção de cada VT, entretanto, o processo foi todo acompanhado por ela e, em alguns casos, ela sugeriu que falássemos com mais alguém ou optássemos por uma fonte em detrimento a outra. Tudo com o objetivo de não fugirmos da finalidade inicial do conjunto e das reportagens de maneira individualizada.

As narrações em *off*, feitas pelos alunos, e a edição das imagens, pelo técnico Beto Farias, foram realizadas no Laboratório de Imagem e Som (LIS) da UFPE. No mesmo lugar, foram criadas as artes e vinhetas de autoria de Hugo Luna. O LIS também disponibilizou o cinegrafista Nildo Ferreira para a captação de imagens nas gravações internas e externas. Em média, cada grupo teve cerca de duas horas de material bruto que foram reduzidos para VTs na faixa dos quatro minutos. A intenção, que foi cumprida, era a de não estourar os cinco minutos de duração para facilitar a sua veiculação na TV Universitária Recife.

Algumas dificuldades gerais encontradas pelas equipes foram: ter a sensibilidade para trabalhar o assunto sem reforçar estigmas, encontrar pessoas dispostas a se exporem e encaixar os entrevistados nos três dias de gravação para cada grupo. O editor de imagens encontrou cada equipe por duas vezes para editar e montar todo o material. Vale ressaltar

que um grupo ou outro, devido a problemas de agendamento com as fontes ou de redação do roteiro, precisaram marcar novos encontros tanto com o cinegrafista quanto com o editor. De forma mais pontual, vale fazer algumas considerações a respeito de cada VT:

1) **Identidade de Gêneros**

Este VT foi responsável por iniciar o assunto e toda a sua complexidade, portanto, ele foi pensado de forma a “adiantar” os próximos, mas sem aprofundá-los muito, para não ser redundante. Houve a preferência por abordar tópicos mais “iniciais” sobre a questão trabalhada, como os papéis sociais. O “povo-fala” foi utilizado exatamente para dar dinamismo e despertar para a temática. As fontes entrevistadas foram o professor de sociologia Gustavo Gomes da Costa; a militante do movimento Marcha das Vadias, Cátia Barros e a servidora pública Anay Montenegro. O *off* conseguiu costurar as sonoras, de forma a não ter brechas no percurso da matéria. Uma estratégia para trazer melhor a problemática da distinção e aceitação dos gêneros na sociedade foi utilizar produtos midiáticos próximos do público, como cenas do filme: *Billy Elliot*, as quais mostram quão dura pode ser a repressão para um indivíduo que não “aceita” o gênero imposto pelo seu órgão sexual; fotos de Lindsay Morris e Arlee Sebryk, que abordam esses comportamentos relacionados aos gêneros e a música *Masculino e Feminino*, de Pepeu Gomes. Uma arte foi utilizada para exemplificar como as relações de poder entre homens e mulheres são criadas a partir da imposição de certos comportamentos aos gêneros masculino e feminino. A importância da educação familiar para pensar numa sociedade com menos discriminação de gêneros também foi colocada.

2) **Violência Simbólica contra os Gêneros**

De início, com o auxílio de uma arte, são estampadas frases comumente ouvidas e que representam a discriminação e imposição de comportamentos ditados como próprios do “masculino” ou do “feminino”. Esse é, sem dúvidas, o objetivo do VT, ao perceber que esses estigmas são reforçados pelas instituições sociais sem que esse processo seja percebido facilmente. Afinal há, por exemplo, mulheres que discriminam outras e não compreendem que estão ferindo a si mesmas. Os entrevistados foram a linguista Herimatéia Pontes; a coordenadora da Organização Não Governamental (ONG) SOS Corpo, Carmem Silva; a professora de jornalismo Ana Veloso; o homossexual Gabriel Moura e o transgênero Guilherme Daguir. Outra arte foi utilizada de forma a ilustrar o preconceito de gênero na linguagem, a

partir da sua definição nos plurais quando há homens e mulheres e prevalece o masculino. Assim como no primeiro VT, também foram utilizadas referências como: o clipe *Dinheiro não é problema*, de MC Frank, além dos comerciais da *Hope*, *Old Spice* e *Axe Chocolate*. O texto em *off* ligou as duas fases dessa reportagem, ao mostrar a violência simbólica contra os gêneros tanto na publicidade como no próprio cotidiano. Houve o cuidado de preservar bastante as sonoras justamente para sentir na fala dos “oprimidos” o que pretendia ser mostrado.

3) **Problemática da Mulher**

Neste VT, o objetivo foi tratar o feminismo sob uma perspectiva histórica, provando que a luta pelos direitos da mulher não é algo de hoje e que já ajuda há anos na defesa das reivindicações das comunidades homossexual, bissexual, transexual e transgênera. Para isso, foi criado o paralelo do feminismo “ontem e hoje” e isso foi corroborado na escolha das fontes: a enfermeira aposentada Lenes Saraiva e a estudante Ingrid Santos; além da professora de Direito Andrea Campos e a representante da ONG SOS Corpo, Verônica Ferreira. As vivências mais específicas, assim como nos outros VTs foram retratadas pelas próprias personagens. Para mostrar o lado histórico, algumas imagens tanto de domínio público como do arquivo da SOS Corpo foram utilizadas, assim como uma arte foi criada para mostrar como a mulher era tratada especificamente no século passado. As conquistas do voto, do direito de ser cidadã e de ter liberdade para buscar conhecimento são citadas como consequências dessa militância ao longo dos anos.

4) **Novos Arranjos Familiares**

Para iniciar a questão da nova configuração de família e como ela é vista pela sociedade, a equipe optou por um “povo-fala”, seguido de uma arte para ilustrar ao telespectador essa nuance. Os entrevistados foram: o juiz Clícério Bezerra; o motorista Lenildo Vicente e o coordenador do Instituto Papai, Thiago Rocha. Com a negativa da entrevista de um dos primeiros casais homossexuais a conseguirem adotar uma criança no Estado, escolheu-se não excluir esse fato da narrativa e a opção foi usar matérias de arquivo cedidas pela TV Clube/Record, após solicitação junto à emissora. Também foram utilizadas imagens de casais do mesmo sexo veiculadas no canal do *Youtube* de forma a complementar o VT. Com a sonora do Lenildo, ficou claro como essa discussão ainda é prematura, visto que ele cuida sozinho dos filhos há anos, constitui uma família, mas reclama da falta de uma

companheira para dividir as tarefas. Por outro lado, há Thiago que aponta para novos modelos de família. Dessa forma, mostramos os dois lados dessa situação.

5) **Feminicídio**

A violência contra a mulher, prática que ocorre em diversas classes da sociedade, muitas vezes é estimulada. E é dessa forma que a matéria se inicia mostrando músicas e até um trecho do filme *Todo Mundo em Pânico 1*, que comprovam esse triste retrato do povo contemporâneo. Alguns dados foram colocados, assim como dezenas de manchetes que envolvem o assunto, com a intenção de mostrar que o problema não é isolado e cresce cada vez mais, atrelado às relações de poder do homem sobre a mulher (herança de um sistema patriarcal). As entrevistadas foram a pesquisadora e psicóloga Karla Galvão e a psicóloga Luciana Vieira. Duas séries de fotografias sobre o assunto também foram utilizadas para suprir o quesito visual, a primeira de Sara Lerkowicz e a segunda de Alice Nóbrega.

6) **Reconhecimento de Gêneros**

Para finalizar a grande reportagem, nesse VT, há o alinhamento com o primeiro, reforçando que o gênero não é definido apenas pelo quesito biológico. O foco da matéria é ouvir mais profundamente as pessoas que sofrem com a discriminação por terem se identificado com gêneros que não seriam os “corretos”, de acordo com a sociedade. Portanto, aqui tomam espaço os conceitos de transgênero, cisgênero, transfobia e homofobia. Os entrevistados são: Maria Clara Araújo (ativista e trans binária) e Caio (militante e trans não-binária). Também há a utilização de imagens provenientes dos filmes *Ma vie en rose*, *Tomboy*, *Stonewall* e *The Little Rascals*. A utilização do nome social por transgêneros também é algo retratado e conta com o auxílio de uma arte do mapa do Brasil, mostrando onde ele é aceito.

6 CONSIDERAÇÕES

Com a produção da grande reportagem **Questões de Gênero**, acreditamos que houve a contribuição para o debate mais crítico e fundamentado sobre o assunto. Mesmo com os imprevistos naturais a um produto desta amplitude, que envolveu muitas pessoas (desde a equipe técnica até os entrevistados), é fácil perceber a importância do planejamento. Da mesma forma, é notável que foram fundamentais todos os encontros com a orientadora Paula Reis, que nos colocou no eixo quando por algum motivo parecíamos sair dele.

Cada equipe se organizou como preferiu, ou seja, uns puderam ficar mais envolvidos na produção, outros na edição, e assim por diante. Mas, de maneira geral, todos puderam participar da execução do trabalho. E, as discussões iniciais sobre a temática serviram para cada grupo, visto que houve a ajuda mútua entre os alunos.

Algumas dificuldades devem e merecem ser listadas: a primeira delas foi a compreensão do tema pela própria turma, já que nem todos estavam no mesmo nível de proximidade do assunto. Uns eram mais engajados, já outros tiveram que compreender melhor os tópicos introdutórios para depois direcionarem suas atenções para os VTs. Vale ressaltar que isso foi encarado como positivo, pois mesmo retardando o término da produção da grande reportagem para nivelar a discussão, todos se ajudaram. Outra dificuldade se deu em relação às fontes, já que o assunto é delicado e de difícil abordagem, muitas preferiam não se expor. De todo modo, as que puderam colaborar foram essenciais para chegarmos ao resultado final.

Se um casal gay que adota uma criança ou participa de um processo de inseminação artificial é mostrado numa telenovela, por exemplo, ou ainda um pai que cuida dos seus filhos – algo que ainda é visto como atitude que deveria partir da mulher – percebe-se que a discussão ganha espaço dentro da sociedade. Com a mesma finalidade, o seguinte trabalho vem a aprofundar essa discussão, sem estigmas e principalmente com o respeito às liberdades individuais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARONCHI DE SOUZA, José Carlos. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. São Paulo: Summus, 2004.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**: Informação e documentação – Referências – Elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo de. **Manual de telejornalismo**: os segredos da notícia na TV. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: II a experiência vivida. 2. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

BILLY Elliot. Direção: Stephen Daldry. Inglaterra. Produção: Arts Council of England, BBC Films, StudioCanal, 2000. 110 minutos, inglês.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Diário Oficial da União, Poder Legislativo, Brasília, DF, 05 jan. 1988. p.1, anexo. Disponível em:

< https://bvc.cgu.gov.br/bitstream/123456789/3363/1/constituicao_da_republica_do.pdf>.
Acesso em: 18 mai. 2014.

CARVALHO, Alexandre [et al.]. **Reportagem na TV**: como fazer, como produzir, como editar. São Paulo: Contexto, 2010. p.105-138.

Censo Demográfico 2010: Resultados gerais da amostra. Rio de Janeiro: IBGE, 2010-.
ISSN 0104-3145. Disponível em:
<ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Resultados_Gerais_da_Amostra/resultados_gerais_amostra.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2014.

FAUSTO NETO, Antonio. Fragmentos de uma enunciação desmesurada. In: **Lula presidente**: televisão e política na campanha eleitoral. São Paulo: Hacker; São Leopoldo, RS: Unisinos, 2003.

FECHINE, YVANA. Gêneros televisuais: a dinâmica dos formatos. **Revista Symposium**. Ciências, Humanidades e Letras. n.1, jan. – jun., 2001. Disponível em: <<http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/3195/3195.PDF>>. Acesso em: 21 mai. 2014.

LOURO, Guacira (org.). **O Corpo Educado** – Pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MA vie en Rose. Direção: Alain Berliner. Bélgica, França e Inglaterra. Produção: Canal+, Centre National de la Cinématographie (CNC), Cofimage 8, 1997. 88 minutos, francês.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2000.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV**. Manual de telejornalismo. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

SCARY Movie. Direção: Keenen Ivory Wayans. Estados Unidos. Produção: Dimension Films, Wayans Bros. Entertainment, Gold/Miller Productions, 2000. 88 minutos, inglês.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.

STONEWALL. Direção: Nigel Finc. Estados Unidos e Inglaterra. Produção: British Broadcasting Corporation (BBC), BBC Arena, Killer Films, 1995. 99 minutos, inglês.

THE Little Rascals. Direção: Penelope Spheeris. Estados Unidos. Produção: Amblin Entertainment, 1994. 83 minutos, inglês.

TOMBOY. Direção: Céline Sciamma. França. Produção: Hold Up Films, arte France Cinéma, Lilies Films, 2011. 82 minutos, francês.

TV RIO SUL. **Super Guia de Mercado**. 2014/2015. Disponível em:
<<http://www.comercialonline.tv.br/Imagens/Diversos/Audiencia-TV-2014.pdf>>. Acesso em: 16 jan. 2015.